



ARTHUR LINS DE VASCONCELOS LOPES

LINS DE VASCONCELOS

Em 21 de março de 1952, desencarnava na cidade de São Paulo, onde residia, o Dr. Lins de Vasconcelos Lopes, sendo sepultado, conforme seus desejos, no jardim do Sanatório “Bom Retiro”, em Curitiba, cidade que muito amou.

Contribuiu largamente para a expansão do Espiritismo no Brasil, prestando assinalados serviços à Doutrina Espírita. Levantou e apoiou inúmeras obras de caridade e beneficência, nas quais até hoje lhe abençoam o nome, devendo-se-lhe o prédio onde se acha instalada a Federação Espírita Paraibana. Desenvolveu importante obra de assistência social, sem paralelo no meio espírita nacional. Pacificador por excelência, padrão do verdadeiro homem de bem, tolerante em todos os sentidos, sempre à frente de todas as iniciativas que exigissem responsabilidade e denodo, foi alçado à posição de líder pelos próprios espíritas brasileiros.

Trabalhou ativamente no propósito de unir a família espírita de nossa Pátria, tornando-se um dos que mais concorreram para a concretização do célebre “Pacto Áureo”, em 5 de outubro de

1949, o qual efetivou a unificação tão ardentemente desejada pela Federação Espírita Brasileira.

Sua existência foi um impressionante libelo contra a ociosidade e o desânimo. Lutou muito, lutou sempre; lutou e venceu, venceu porque lutou.

Sua vida terrena teve início no dia 27 de março de 1891, na cidade de Teixeira, alto sertão da Paraíba do Norte. Era, portanto, sertanejo, como sertanejos foram seus pais. Conheceu nos primeiros anos da meninice as dificuldades dos que vivem afastados das grandes cidades, sem os recursos de que dispõem os que residem nos centros populosos. Começou, assim, a lutar desde a infância, fortalecendo nos albores da vida o seu espírito empreendedor.

Enquanto outras crianças brincavam, despreocupadas, ele limpava, a enxada, a plantação, ou roçava para a semeadura. Quando lhe sobrava tempo, aprendia a ler e escrever. Já rapazinho, veio a ser tropeiro, a demandar as serranias do sul do Estado, de fazenda em fazenda, de vila em vila, vendendo ou trocando mercadorias. Às vezes, chegava até as terras de Pernambuco.

Moço feito, com aspirações mais altas, rumou para o Recife, onde exerceu atividade de caixeiro de casa comercial, para ter assegurada sua subsistência. Ali, porém, não ficou. Sentia-se atraído para as terras do sul do País, e é assim que se transfere para Curitiba, capital do Estado do Paraná, onde viveu longa parte de sua existência, e onde se entregou com todo o ardor ao estudo. Compreendia que para vencer na vida não lhe bastava a força de vontade, o entusiasmo, era preciso saber e, para saber, era preciso estudar. E foi o que fez. Alistando-se no Exército, foi servir no 3.º Regimento de Infantaria (3.º R.I.), sediado naquela Capital, formando no 18.º Batalhão. Em pouco tempo, pela sua dedicação e pelo seu esforço, alcançava o posto de sargento. Iniciou então seus estudos superiores

matriculando-se, em 1918, na Escola Superior de Agronomia de Curitiba, onde fez brilhantemente seu curso de engenheiro agrônomo. Foi uma fase difícil para o então jovem lutador. Ninguém desconhece as dificuldades que se antepõem aos que desejam aprender sem os recursos necessários para o custeio de um curso superior. Se os que não precisam pensar nas despesas vultosas com os estudos nem sempre fazem com facilidade a escalada do monte da sabedoria, imaginemos os que precisam pensar nos estudos e nos meios para custeá-los. Quantas vezes foi necessário gratificar outros camaradas de caserna, para não perder as aulas da Faculdade e habilitar-se, com mais segurança, ao pergaminho que novos horizontes rasgariam em sua atribulada e difícil existência.

Mantendo desse moço uma independência religiosa, embora aceitando desde a infância a ideia da existência de Deus, Lins de Vasconcelos não se prendeu, nessa etapa da vida, a um conceito religioso definido. Seu espírito aguçado indagava constantemente a razão das diferenças sociais e interrogava a si mesmo o porquê das anomalias da vida, na desproporção das posições e das conquistas. Daí sua inclinação para o problema social, em cuja solução sentia a transformação de toda a organização do mundo e da vida, num ambiente de justiça e de equilíbrio. Se houvesse vivido na fase da campanha da abolição da escravatura, teria, sem dúvida, formado ao lado dos grandes vultos na luta pela liberdade de nossos irmãos escravizados. Sua índole o teria levado ao combate.

Só um caminho poderia conduzi-lo à compreensão do porquê da vida, das desigualdades sociais, do desequilíbrio da organização humana, que provoca a desventura e a infelicidade dos seres; todas as indagações de seu espírito empreendedor seriam respondidas mais tarde, quando pelas mãos carinhosas de Antônio Duarte Veloso – dedicado servidor da Causa Espírita -, conheceu as belezas incomparáveis da Doutrina

Espírita, isto em 1912. Era a base segura que lhe faltava para suportar o gigantesco edifício de sua formação humanitária e altruística, ansiosa de ver a felicidade de todos os seus irmãos em Humanidade.

Em 1915, como secretário geral da Federação Espírita do Paraná, ele participava, com a alma em regozijo, da inauguração do Albergue Noturno daquela entidade, inauguração que contou com a presença do então Presidente do Estado, Sr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque.

Em 1916, trabalhou ativamente no II Congresso Espírita Paranaense.

Criada a “Revista do Espiritualismo”, órgão da Sociedade Publicadora Kardecista, do Paraná, Lins se tornou um dos seus diretores.

Em seu último estágio em Curitiba, Lins de Vasconcelos fora elevado à posição de escrevente juramentado em certo tabelionato daquela cidade. Exercia com probidade e competência suas funções, quando, inesperadamente, em 1925, se viu demitido. É que ele, na qualidade de Presidente da Federação Espírita do Paraná, protestara contra ato inconstitucional do Governo do Estado, que doara terras para a instalação de dois bispados. O protesto de Lins de Vasconcelos foi secundado pelo do Professor Dario Veloso, ilustre homem de letras e presidente do Instituto Néo-Pitagórico de Curitiba, bem como por outros livres pensadores.

Lins de Vasconcelos sofre perseguição e muitos aborrecimentos, inclusive condenação judicial, mais tarde revogada pelo Tribunal. Embora desequilibrado em suas finanças, não caiu em desânimo. Possuindo de alto tino comercial, lança-se ao comércio madeireiro. Começa a prosperar e a enriquecer.

Em 1930, resolve mudar-se para o Rio de Janeiro, e é nessa ocasião eleito presidente honorário da Federação Espírita do Paraná, pelos assinalados serviços a ela prestados.

Os bens materiais multiplicam-se rapidamente, em suas mãos. Passa a ser um homem rico, milionário. E foi, precisamente nesse período de sua vida, que ele mostrou a firmeza de suas atitudes espíritas e o desprezo à fortuna amoedada.

Consolidada a sua posição social e financeira com a fundação da Companhia Pinheiro Indústria e Comércio, da qual era diretor-presidente, não tendo dali por diante maiores preocupações de ordem econômica, mercê de uma independência que conquistara com sua visão de industrial operoso, dedicou-se inteiramente ao Espiritismo, a este dando tudo que lhe foi possível dar.

Sua cooperação humanitária, junto aos companheiros espíritas de vários Estados, foi multiforme: nos movimentos educativos da criança, nos socorro às instituições de amparo à velhice e à infância abandonada, no empenho para a criação de Lares Infantis, Sanatórios, Hospitais, Ginásios, Creches, Institutos de Ensino, etc., tudo em benefício do indivíduo e da coletividade, num trabalho contínuo que durou até seus últimos dias de vida terrena. “A maior glória de Lins” – escreveu um seu biógrafo – “é não ter sido ele corrompido pelo fascínio do ouro”.

Cremos tenha sido a Federação Espírita do Paraná a primeira entidade a receber sua colaboração doutrinária e econômica. Quando na sua presidência, traçou um longo programa de ensino do Espiritismo às crianças, antevendo a necessidade de prepara-las para que investidas, no futuro, nas organizações espíritas, pudessem produzir mais e melhor. Foi nessa ocasião que teve início a sua ação nas lides doutrinárias e, daí em diante, seu campo de trabalho se foi alargando, até alcançar uma projeção que ultrapassou as fronteiras de nossa terra.

Por volta de 1938, em passeio a Curitiba e presente à reunião do Conselho da Federação Espírita do Paraná, Lins de Vasconcelos propôs-se entrar com apreciável soma de recursos para o reinício das obras do atual Sanatório “Bom Retiro”, tendo mantido sua colaboração econômica até a inauguração do mesmo.

Participou ativamente da Coligação Nacional pró Estado Laico, da qual foi presidente. Dedicando-lhe todos os esforços para que a luta pela laicidade do Estado fosse uma batalha constante até a conquista da independência da nação na questão do campo religioso. Não encontrou, porém, no seio da Coligação um pensamento firmado somente no ideal que norteava as suas finalidades. E tempos depois se afastava cristãmente do seio daquela Sociedade que, mais tarde, sem o seu valioso concurso, vinha a desaparecer.

Em 1948, quando a “Gráfica Mundo Espírita” enfrentava uma crise seríssima, sua cooperação espontânea e sincera veio evitar o desaparecimento dela, e, assumindo a sua direção, enfrentou todas as dificuldades decorrentes de sua atitude salvadora. Imprimiu nova orientação doutrinária a “Mundo Espírita”, periódico fundado em 1932, evitando que suas colunas servissem de veículo de ideias destruidoras e separatistas. Respeitando a opinião do próximo, sabia da inutilidade de combates pessoais, quando eram esquecidas a ética e as normas de serenidade e respeito. Apesar dos grandes prejuízos causados pela publicação do jornal e de livros doutrinários, ele sustentou a luta e esteve à frente de “Mundo Espírita” até aos últimos momentos. Esse jornal passou, depois, a ser o órgão noticioso e doutrinário da Federação Espírita do Paraná.

Ainda em 1948 empenhou-se na realização do I Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, apoiando a ideia do Deputado Campos Vergal, transformada em realidade pela atuação de

Leopoldo Machado. Foi uma de suas principais figuras, senão a maior, contribuindo, ainda, decisivamente, na parte financeira para a realização daquele certame. Foi, por unanimidade, proclamado seu presidente de honra e, na sessão de instalação do Teatro João Caetano, na manhã do dia 18 de julho de 1948, proferiu vibrante discurso, fazendo a entrega simbólica do Congresso aos moços espíritas ali reunidos.

Em fevereiro de 1949, fundou Lins de Vasconcelos a Ação Social Espírita – sonho maior de sua vida -, instituição que se destinava ao trabalho social do Espiritismo em todos os seus aspectos e sob todas as formas. As finalidades da Ação Social Espírita estão condensadas nos vinte e cinco itens inseridos na edição de 12 de março de 1949, de “Mundo Espírita”, abrangendo, desde o auxílio às sociedades espíritas até o estímulo às artes e à ciência.

Graças a seu espírito de colaboração e boa vontade, realizou-se a Primeira Festa Nacional do Livro Espírita, de 14 a 18 de abril de 1949. Foi um empreendimento que exigiu sua decisiva ajuda financeira e sem a qual não seria possível efetuá-lo. Custeou todas as despesas para que se comemorasse no Brasil inteiro o aparecimento de “O Livro dos Espíritos”.

Quando dos preparativos para a realização do II Congresso Espírita Pan-Americano, que se reuniu no Rio de Janeiro, no período de 3 a 12 de outubro de 1949, foi Lins de Vasconcelos chamado para participar da Comissão Organizadora, sendo-lhe entregue o cargo de Tesoureiro da Comissão, devendo-se ressaltar que de sua ação coordenadora e sensata deve-se o êxito alcançado por aquele certame. Empenhado na tarefa de conseguir a aproximação dos espíritas americanos, deu todo o apoio para que se reunissem no Rio de Janeiro os representantes das nações americanas.

Sabemos que os grandes planos visando à expansão e à difusão do Espiritismo são traçados na Espiritualidade, representando

os homens, instrumentos do Alto na concretização das ideias e dos projetos elaborados na Vida Mais Alta. Mas nem sempre os homens se predispõem ao serviço do Alto e nem sempre aceitam as tarefas que lhe são cometidas. A unificação da família espírita brasileira viria, mais cedo ou mais tarde, se essa era a vontade superior. Mas talvez não viesse tão depressa, não fosse a ação e a atividade conciliatória e aproximativa de Lins de Vasconcelos. Ninguém, como ele, almejava reunir os seus irmãos em ideal para um trabalho em comum. Esse foi sempre o seu grande sonho. Vivia para concretizar esse desejo e os mentores espirituais fizeram-no o instrumento sensato e prudente para que essa aproximação se desse.

Quando da realização do II Congresso Espírita Pan-Americano, estimando o esforço de muitos para o entrelaçamento de irmãos de outras pátrias, sentiu que era chegado o instante de unir os irmãos do “Coração do Mundo e Pátria do Evangelho”. Sentiu, por certo, que o Alto trabalhava nesse sentido e que se tornava preciso entrar em harmonia com os Irmãos do Plano Invisível para que o sonho se convertesse em gloriosa realidade. E o dia 5 de outubro de 1949 foi, talvez, o dia mais feliz de sua vida. Foi o dia do “Pacto Áureo”, o dia áureo da confraternização. Se nada mais houvesse feito em prol da Causa -, sua ação para a união da família espírita brasileira, em torno da Casa de Ismael, lhe teria valido como uma certeza de que não fora vazia e inexpressiva sua vida no mundo.

Como decorrência desse “Pacto Áureo”, foi, em seguida, organizada no Rio a chamada “Caravana da Fraternidade”, composta de vários espíritas ilustres, entre eles, o Dr. Lins de Vasconcelos, caravana que percorreu todo o norte e nordeste do País, numa entusiástica campanha em prol da unificação segundo as normas ditadas na grande Conferência Espírita realizada no Rio de Janeiro.

Era ainda o Dr. Lins, no campo das atividades doutrinárias, representante da Federação Espírita do Paraná no Conselho Federativo Nacional, membro efetivo da Assembleia Deliberativa da Federação Espírita Brasileira, vice-presidente da Liga Espírita do Estado da Guanabara, 1.º secretário da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro e seu presidente de honra, além de muitos outros cargos que lhe consumiam todos os instantes de sua longa e proveitosa existência.

Sua atividade no campo da assistência social da Doutrina granjeou-lhe simpatias e amizades em todos os recantos do País. Não há Estado que não lhe tenha sentido a influência benemérita e dele não tenha recebido recursos da bolsa sempre aberta para as boas iniciativas. Todos aproveitaram o seu auxílio e não houve quem a ele recorresse e não encontrasse de sua parte a colaboração fraternal e sincera.

Seria muito difícil, senão impossível, enumerar os múltiplos benefícios que prestou às sociedades, às casas de caridade e mesmo a confrades que constantemente a ele recorriam na certeza de encontrar apoio e solicitude. Quando se imaginava um Congresso, uma festa, uma confraternização, enfim, um movimento que não pudesse dispensar a parte financeira, não faltava a contribuição pecuniária e intelectual de Lins de Vasconcelos. E até mesmo sem que a pedissem, ele a ia levar espontânea e cristãmente.

Não se pode dispensar a colaboração da mulher nas grandes Causas. Todos os grande homens tiveram em suas vidas a influência da mulher. Lins de Vasconcelos não foi uma exceção à regra. Nada realizava sem que ouvisse sua bondosa e querida esposa. Fazia questão que em tudo aparecesse aquela que partilhava de sua vida e conhecia todas as suas aspirações e desejos. E a esposa dedicada que foi Dona Hercília César de Vasconcelos Lopes retribuía-lhe essa justa consideração com o

seu carinho e a sua afeição. Compreendia ele o papel da mulher na reforma do mundo e, sempre que se lhe oferecia oportunidade, concitava os homens ao amparo e proteção à mulher e à criança. E a companheira de longos anos de luta e realizações soube enfrentar o momento da partida do ente amado, demonstrando, na serenidade e resignação, que estava bem à altura do querido ausente.

Embora sabendo da precariedade do seu estado de saúde, Lins diminuiu, mas não parou o trabalho, porque dizia que, se sua partida estava próxima, era preciso aproveitar bem o tempo que ainda lhe restava na Terra.

Toda família espírita sentiu o seu desaparecimento da vida física, em 21 de março de 1952, ficando a Seara do Senhor, no campo terreno, desfalcada de um de seus mais denodados e dedicados servidores.

Respeitáveis nome do Espiritismo no Brasil teceram longos e justos elogios à obra do benfeitor e do homem de ação, ouvindo-se, ainda, a palavra do grande Médiun brasileiro, Francisco Cândido Xavier, nessa afirmativa: “Era ele uma coluna firme da Doutrina em nosso País e um companheiro abnegado de nosso movimento de unificação”.

Mais tarde, a Federação Espírita do Paraná, que tantos benefícios recebeu de Lins de Vasconcelos, inclusive através de testamento, prestou-lhe significativa homenagem, dando-lhe o inesquecível nome ao educandário por ela criado – “Instituto Lins de Vasconcelos”.